

**Discussion
Paper**

ESPM

v. 4, n. 2, 2016

Prof. Paulo Cunha

Prof. Pedro de Santi

Gleidys Salvanha

Profa. Rose de Melo Rocha

Prof. Vladimir Safatle



OS PARADOXOS DA FELICIDADE

EXPEDIENTE

Corpo Editorial

J. Roberto Whitaker Penteado
Presidente

Alexandre Gracioso
Vice-presidente acadêmico

Elisabeth Dau Corrêa
Vice-presidente administrativo-financeira

Emmanuel Publio Dias
Vice-presidente corporativo

José Francisco Queiroz
Vice-presidente de marketing e comunicação

Luiz Fernando Dabul Garcia
Diretor geral da graduação ESPM-SP

Ismael Rocha
Diretor acadêmico de graduação ESPM-SP

Conselho Editorial

Prof. Carlos Frederico Lucio

Profa. Cristina Helena Pinto de Mello

Profa. Denise Fabretti

Prof. Fabio Mariano Borges

Prof. Ismael Rocha

Prof. João Osvaldo Schiavon Matta

Prof. Luiz Fernando Dabul Garcia

Prof. Pedro Luiz Ribeiro de Santi

Prof. Leonardo Nelmi Trevisan
(Edição de texto)

Prof. Matheus Matsuda Marangoni
(Edição de arte)

Fernando Matijewitsch
(Gerência de edição)

APRESENTAÇÃO

Publicação trimestral, em formato eletrônico, o Discussion Paper ESPM reúne artigos, notícias de pesquisas, resenhas, traduções ou entrevistas oriundas de debate temático.

O objetivo é incentivar a discussão de assuntos, atinentes ou complementares, ao conteúdo curricular de disciplinas da área de Ciências Sociais Aplicadas.

O perfil deste periódico oferece espaço de publicação da produção docente, incluindo procedimentos de pesquisa, em diferentes formatos.

O Discussion Paper ESPM busca também ampliar repertório e capacidade de análise do corpo discente, pois, a iniciativa procura, especialmente, a participação do aluno nos debates geradores de cada número.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A submissão de trabalhos deverá ser feita através do endereço eletrônico do periódico, nos seguintes formatos: texto: Microsoft Word; tabelas: Excel; gráficos e figuras: Powerpoint. Quanto a forma, os originais deverão ser apresentados em arquivo de texto: Microsoft Word, página tamanho A4, margem esquerda e superior de 3cm, direita e inferior de 2cm, espaço 1,5, fonte Times New Roman, com limite de 06 páginas. O Discussion Paper ESPM adota como critério orientador para elaboração das referências bibliográficas dos papers a norma NBR-6023:2002 - Informação e documentação.

O Processo de Avaliação pelos Pares consiste nas seguintes etapas: o artigo original será analisado por dois integrantes do Conselho Editorial para verificar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área epistemológica de avaliação a ser direcionada. Em seguida, o artigo será enviado a pares de avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores (blind review), que não compareceram ao debate gerador do respectivo Discussion Paper. Os avaliadores externos procederão de acordo com os critérios: 1. Publicar sem alterações; 2. Publicar com pequenas alterações, efetuadas pelos avaliadores; 3. Retornar ao autor com orientações de correções a serem efetuadas, podendo ser publicado posteriormente; 4. Retornar ao autor com a reprovação do artigo, sem publicação posterior. Os resultados desta avaliação serão encaminhados aos autores através do endereço eletrônico informado no ato da submissão, preservadas estritamente a confidencialidade e privacidade deste resultado.

SUMÁRIO

Apresentação do debate.....	4
As formas de “pensar o futuro”.....	5
<i>Paulo Cunha</i>	
Sonhos, projetos e utopias.....	6
<i>Pedro de Santi</i>	
Na internet, <i>micro-momentos</i> são <i>macro-oportunidades</i> ?.....	7
<i>Gleidys Salvanha</i>	
E se a felicidade for “problemática” e a infelicidade “redentora”?.....	9
<i>Rose de Melo Rocha</i>	
Será que a “ética protestante” foi destruída pelo cartão de crédito?.....	12
<i>Vladimir Safatle</i>	

APRESENTAÇÃO DO DEBATE



Falta de futuro e de sonhos? Esse tipo de sensação só impacta consumo? E as “utopias”? O que fazer sem elas, razão de ser de quase toda experiência humana de evolução? E a felicidade? Ela tem um lado só, uma direção única?

Ensaiai respostas para tantas perguntas ficou por conta de um debate, em formato de painel com título amplo: “**O paradoxo da felicidade: a importância de ver possibilidades**”, integrado ao Fórum ESPM Tendências em Comunicação.

O Coordenador do Curso de Comunicação Social da ESPM-SP, Paulo Cunha, na apresentação do debate, perguntou se consumimos mais “para suprir alguma falta”. O mote foi bem aproveitado. Também na apresentação do debate, o psicanalista, professor da ESPM, Pedro de Santi, lembrou da “crise de representação que vivemos”.

Discutir o “paradoxo da felicidade” ficou por conta da diretora de desenvolvimento de agências do Google, **Gleidys Salvanha** e do Doutor em Filosofia pela Universidade de Paris, **Vladimir Safatle**, colunista da Folha de São Paulo, com a moderação a cargo da comunicóloga, Doutora em Ciências da Comunicação, Rose de Melo Rocha.

Segue a transcrição e edição do debate:

ABERTURA



PAULO CUNHA

Sejam bem-vindos ao Fórum ESPM Tendências em Comunicação. Antes de tudo, gostaria de reiterar a responsabilidade do curso de Comunicação da ESPM por sua importância na produção do pensamento sobre o nosso ofício e sobre as relações de mercado.

Essa é a proposta do Fórum Tendências em Comunicação: reunir profissionais de dentro e de fora da ESPM para podermos pensar o futuro, ou seja, as carreiras de todos nós, as perspectivas de vida e todas as relações que podem advir daí.

Para esse terceiro painel, denominado “O paradoxo da felicidade: a importância de ver possibilidades”, temos uma série de pistas como o incômodo gerado por uma ausência de perspectivas, por uma falta de esperança e, talvez, por uma escuridão no final do túnel.

O quanto esse tipo de sentimento impacta no consumo? O quanto projetamos, ou não projetamos, daquilo que vemos, lemos ou participamos em termos de comunicação? Consumimos mais para suprir alguma falta? Qual o papel da comunicação e do consumo nesse processo, nesse cenário, nesse contexto?

**“O QUANTO
PROJETAMOS, OU
NÃO PROJETAMOS,
DAQUILO QUE
VEMOS, LEMOS
OU PARTICIPAMOS
EM TERMOS DE
COMUNICAÇÃO?”**

E quem vai discutir isso com vocês? Gleidys Salvanha, diretora de desenvolvimento de agências do Google, o Doutor em Filosofia pela Universidade de Paris, Vladimir Safatle, e nosso professor, psicólogo e psicanalista Pedro de Santi. A moderação desse painel ficará a cargo da comunicóloga, Doutora em Ciências da Comunicação, Rose de Melo Rocha.

ABERTURA



PEDRO DE SANTI

Achei o nome dessa mesa, “O paradoxo da felicidade”, extremamente provocativo, porque felicidade não diz respeito apenas a experiências e sensações, mas também a sonhos, projetos, utopia, para onde ir. E, de alguma forma, isso tudo está muito em crise para nós. Temos um ambiente ambivalente no seu valor do presente.

Mesmo com toda a intensidade e importância extraídas do presente, sofremos, ao mesmo tempo, de uma falta de futuro e de sonhos. Há uma grande crise de representação. Há uma grande vontade de fazer

política. Há falta de uma forma nova de fazer política.

Portanto, essa mesa é e precisa ser muito abrangente em seu escopo. Uma pessoa fortemente do mercado: Gleidys Salvanha. E dois universitários profissionais: (a) a Rose trabalha muito com ativismo político do mundo inteiro e tem um grupo de pesquisa chamado Juvenália, que é muito importante; (b) o Vladimir é filósofo e também atua como colunista na Folha de S. Paulo.



DEBATEDORES



GLEIDYS SALVANHA

Começarei apresentando um pouco do que estamos estudando sobre comportamento.

A ideia aqui é trazer uma pequena reflexão sobre o momento em que estamos vivendo para, posteriormente, levar a discussão a esse momento de consumo, mostrando brevemente como tudo mudou.

Primeiramente, queria que pensássemos um pouco sobre o *atrito* e como nossas vidas começam a se transformar a partir do momento que reduzimos essas barreiras no

cotidiano das pessoas.

Acho que não temos dúvidas de que a internet foi um desses grandes momentos que reduziu muito o atrito e a barreira das informações. Hoje, acessamos tudo na hora que quisermos.

Além disso, acredito que o segundo grande momento, que estamos vivendo agora, é o smartphone, o celular. Talvez, ele represente a grande revolução pós-internet. Estamos vivendo em outro momento, em outro ritmo, influenciando ainda mais o nosso comportamento.

Esses acontecimentos são tão influenciadores que já temos novos nomes, novos medos. A nomofobia, por exemplo, é o medo de ficar sem celular, de não ter como carregá-lo, de estar sem internet, sem conexão. Acho que todo mundo já passou por esse pânico. Ou pior: passa por esse pânico todo dia.

Mas, por que ficamos desse jeito? Porque não *entramos* simplesmente na internet. Nós *vivemos* na internet. Vivemos com o celular, dormimos com

o celular, não conseguimos desgrudar dele. Ele mudou a nossa vida. Essa é a realidade.

O smartphone mudou tanto o nosso comportamento que temos estudado muito isso no Google. Começamos a chamar esse fenômeno de *micro-momentos*. O celular nos deu esse poder: eu quero isso agora. Eu preciso. É meu momento e eu quero saber. É meu momento e eu quero uma informação. É meu momento e eu quero comprar. E esse momento tem que ser já. Ele não pode esperar. Precisamos de uma conexão.

Isso acabou mudando completamente a nossa referência de tempo. Não temos mais paciência para esperar um pouquinho. Se a página não carrega, se a conexão está ruim, começamos a sentir um grande stress, uma infelicidade que parece que o mundo vai acabar. Não temos calma.

Isso também mudou completamente a nossa referência de imediatismo. Temos que ter a informação na hora. “Por que ainda não tem? Por que não carregou?”. Essas

DEBATEDORES

frases representam um pouco a nossa sensação.

E quando falamos de marcas? É claro que esses *micro-momentos* são *macro-oportunidades* para todos nós. As pessoas se aproveitam muito de tudo o que está disponível, seja uma informação dada por uma marca, seja um conteúdo publicado por nós mesmos, por indivíduos, que é o que acontece muito.

Para exemplificar, imaginem que pegamos o celular, na média, 80 vezes por dia aqui no Brasil. Põe. Tira. Põe. Tira. Ou seja, são 80 *micro-momentos* que temos em um único dia.

É o meu *micro-momento* de pagar uma conta: entro no aplicativo do banco e pago. É o meu *micro-momento* do Waze: tenho que acessar o endereço e o caminho do meu destino enquanto ainda estou saindo da garagem. Não dá para esperar. Eu preciso. Dois segundos é o tempo que o celular tem para me dar uma resposta. Não tenho tempo. Imaginem, então, no caso de uma marca: seu site

precisa carregar muito rápido. Senão, ela já perdeu aquele consumidor.

O que acontece é que mais do que mudanças, a velocidade dessas mudanças é muito grande. Será que as marcas estão tentando chegar ao seu público nessa mesma velocidade?

“ESSES MICRO-MOMENTOS SÃO MACRO-OPORTUNIDADES PARA TODOS NÓS”

A partir de uma série de estudos de mídia, podemos perceber que a penetração da internet aumentou muito em relação aos meios de comunicação mais tradicionais. Porém, enquanto isso, o investimento em publicidade quase não se alterou. A televisão continua como a maior parcela da verba de marketing e a internet como uma das menores.

O que todos temos que reconhecer é que, hoje, não há separação, não há

programação. Consumimos tudo ao mesmo tempo. Todos os meios estão sendo consumidos, cada um em um horário do dia, mas é no meu horário e não no *Prime Time*, que achávamos que existia. O meu *Prime Time* pode ser o meu *micro-momento* às 7 horas da manhã, quando estou saindo de casa.

Então, só para concluir, queria dizer que não conseguimos prever todas as mudanças dos próximos anos, mas elas vão, com certeza, acontecer. E vão acontecer em uma grande velocidade, sendo incorporadas cada vez mais na nossa rotina. Disso não temos dúvida. E isso novamente vai acelerar o nosso comportamento, as nossas referências, as nossas expectativas.

Temos uma expectativa gigantesca de saber absolutamente tudo. É essa ansiedade que nos move, inclusive. Não sei se todos nós, marcas, pessoas ou informações, estamos prontos para dar essas respostas tão rapidamente. Será, realmente, que estamos prontos para tudo isso? Temos que estar.



ROSE ROCHA

Para responder a provocação do encontro de hoje, “O paradoxo da felicidade”, proponho a vocês duas perguntas: Quando a felicidade se torna problemática? E quando a infelicidade se torna redentora? Ou seja, em que momento a infelicidade é uma solução?

Respondendo à primeira pergunta, eu diria a vocês que a felicidade é problemática quando atua como algo compulsório, obrigatório, normativo, quando nos vemos obrigados a ser feliz. Acho isso um fardo: “eu sempre tenho que estar feliz”.

Como segundo aspecto, entendo que a felicidade se torna problemática quando está articulada à promoção de uma sensibilidade hiperexcitada, quando estar feliz necessariamente significa estar ligado na tomada à 1000 Volts o tempo inteiro. Existem alguns autores que associam essa ideia de uma sociedade superexcitada a uma sociedade extremamente cansada. A hiperexcitação conduz a um cansaço, onde a felicidade também pode se tornar um fator complicador.

Outra perspectiva da felicidade, também negativa, seria a promoção de uma subjetividade um tanto infantilizada. O que isso significa? A impossibilidade, por exemplo, de conviver com as frustrações. A mínima frustração do cotidiano já faz com que eu me sinta infernalmente infeliz. As coisas não têm que ser necessariamente assim, mas, às vezes, é o que parece. É como se nos tornássemos pelo resto de nossas vidas, independentemente de nossa idade, um tipo de criança, de bebê chorão, que não consegue ser frustrado.

Nesse caso, podemos nos tornar reféns do que considero uma falácia fundada em uma determinada ideia de felicidade. Qual é essa falácia? É ser feliz aqui, agora, sem demora, em grandes doses, ininterruptamente. Uma felicidade desse tipo nos coloca numa condição de possibilidade muito complicada. Se eu não sou satisfeito, o que eu vou buscar? Sensações e experiências que me conduzam a uma satisfação imediata, também compulsória. Esse tipo de busca acaba nos levando a inúmeros processos de adição.

**“É COMO SE NOS
TORNÁSSEMOS
[...] UM TIPO DE
CRIANÇA, DE BEBÊ
CHORÃO”**

Quarto aspecto dessa felicidade problemática: quando ela responde a um projeto que é individualista e atende um programa social mais amplo, que vê a felicidade individual como

DEBATEDORES

uma empresa autônoma e autômata. Ou seja, cabe a você, e exclusivamente a você, ser feliz aqui, agora, sem entraves. Como não somos deuses, esperar esse tipo de felicidade pode ser bastante complicado.

Nesse programa social mais amplo, é como se essa felicidade individual excluísse ou não devesse contar com a felicidade de um coletivo: “seja feliz você mesmo, individualmente”. De um lado, não há a preocupação com o bem-estar da coletividade. De outro, existe uma demanda mais perversa: “seja feliz a despeito de qualquer limitação do ambiente em que você vive”. Essa é a felicidade que ignora as possíveis adversidades que estão no seu entorno.

Chegamos, então, à quinta possibilidade de se pensar essa felicidade negativa e problemática: quando ela se associa a dinâmicas compulsivas, a diferentes formas de adição. Por exemplo, não estamos falando aqui de uma perversidade em si do consumo. Mas, estamos, sim, fazendo uma

crítica ao consumismo, ao que ele tem de aditivo e provoca de adição. Se você não está preparado para enfrentar as adversidades, você pode muito facilmente se tornar refém das diferentes adições, buscando satisfação no que Margarita Barrón entende que são “paraísos artificiais”.

“VOCÊ PODE FACILMENTE SE TORNAR REFÉM DAS DIFERENTES ADIÇÕES, BUSCANDO SATISFAÇÃO EM PARAÍDOS ARTIFICIAIS”

Deslocando-nos agora para a segunda questão proposta inicialmente, sugiro a vocês que, diferentemente do que pensamos no senso comum, a infelicidade pode ser bastante redentora. Existe uma potência muito grande na nossa angústia, nos incômodos que podemos sentir. Eles também são produtores de transformação. Partimos de

um ponto básico: para sermos felizes, temos que nos deparar muitas vezes com as coisas que nos fazem infelizes - à nós, aos outros, às pessoas com quem convivemos, ao mundo em que vivemos e assim por diante.

Primeiramente, vamos desmitificar a infelicidade. Estar infeliz, às vezes, é algo necessário na nossa vida. A infelicidade e a angústia são transformadoras, e não algo que nos paralisa. Não precisamos ter medo da infelicidade. É importante compreender a insatisfação como algo que é transformador.

É importante, também, que sejamos capazes de nomear e de discutir as nossas angústias, que possamos começar um processo de concepção de felicidades menos totalizantes, menos ego-centradas. Existem inúmeras formas de sermos felizes que não necessariamente passam por uma relação de negação da infelicidade. Muito pelo contrário.

O segundo aspecto da

DEBATEDORES

infelicidade como promotora de soluções para a nossa vida é a necessidade de pensarmos sobre algo muito fundamental: tanto a felicidade quanto a infelicidade, na nossa sociedade contemporânea, tendem a ser excessivamente medicamentadas. Então, se algo está sendo tão medicamentado, talvez seja a hora de começarmos a nos perguntar o sentido disso. Como alerta Paul Beatriz Preciado, nossa depressão se transformou em Prozac, nossa impotência sexual se transformou em Viagra. Há de se pensar nessa medicamentação. Há de se quebrar as concepções rígidas sobre o que é a felicidade e o que é a infelicidade.

Por último, gostaria de propor que, além de pensar sobre a medicamentação e problematizar a compulsão, também reflitamos um pouco sobre um aviso lançado por um xamã yanomami chamado Davi Kopenawa. Para ele, os homens brancos deviam começar a pensar um pouco melhor na enorme produção de lixo e de fumaça tóxica que é causada por suas artificialidades. Segundo

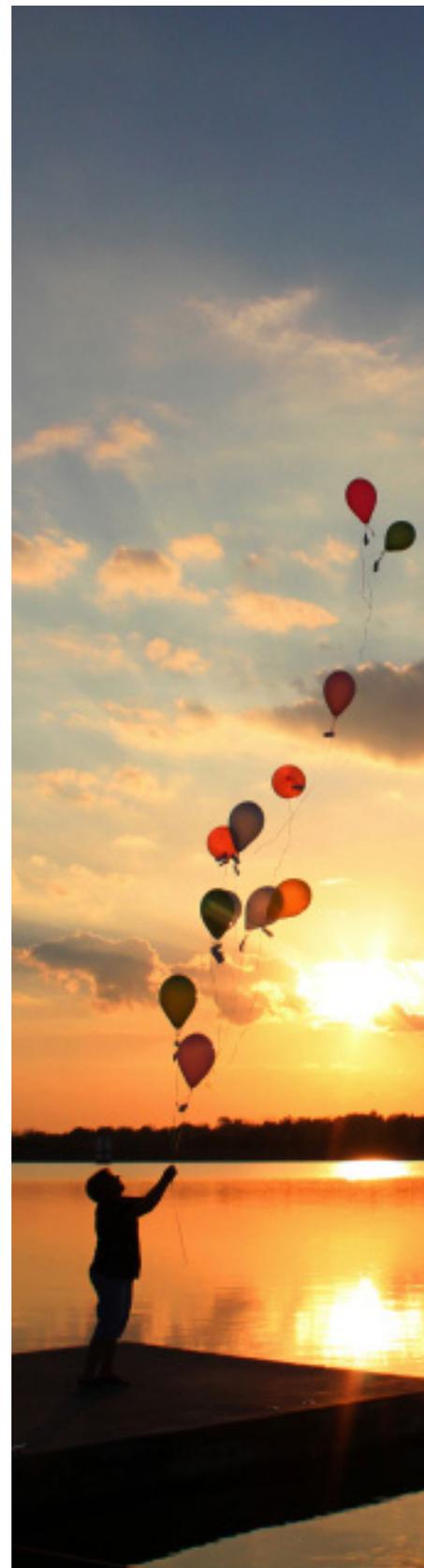
Kopenawa, produzimos tanta coisa artificial que o firmamento está sendo perfurado e um dia o céu cairá sobre nós.

“TANTO A FELICIDADE QUANTO A INFELICIDADE, NA NOSSA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, TENDEM A SER EXCESSIVAMENTE MEDICAMENTADAS”

Essa reflexão sobre o lixo que produzimos é fundamental para nós que somos comunicadores, porque o lixo que se produz não é só o lixo das materialidades do consumo. Temos que pensar um pouco melhor não só sobre aquilo que nós consumimos, mas também sobre o lixo que produzimos. Existe lixo produzido por imagens, por palavras, por ações.

Acredito que, se nos comprometermos com esse pensamento, tenho certeza de

que nós seremos mais felizes, tanto individualmente quanto coletivamente.





VLADIMIR SAFATLE

Queria começar lembrando vocês de alguns dados, que me parecem bastante sintomáticos no sentido mais forte do termo. Segundo a OMS, em 2014, 9,2% da população mundial passou ou passava por um processo depressivo. Isso significa, praticamente, uma em cada dez pessoas. Não há nenhuma doença que tenha um impacto tão profundo na produtividade, que tenha um peso econômico tão profundo quanto a depressão.

Esses números são bastante ilustrativos do tipo de problema que realmente

temos, porque, se for o caso, podemos dizer que estamos passando por uma epidemia de depressão. Temos uma epidemia no sentido não só de sua extensão, mas também no sentido de uma questão: que tipo de problema é a depressão dentro do contexto contemporâneo?

Para começar a responder essa questão, podemos pensar que não compramos objetos, mas a possibilidade de gastar. Pouco importa qual é o objeto que você consumiu. O importante é a magnitude, o desempenho, a performance que você foi capaz de fazer consumindo certa quantia de dinheiro. Se você acredita que você está desejando os objetos, você acredita mal. Você não está percebendo o que está acontecendo. Não é isso que move o seu desejo.

Você tem o desejo de ter um helicóptero? Não. Você tem o desejo de poder consumir determinada quantia de dinheiro. Esse sim é o seu desejo.

Num dado momento do desenvolvimento do capitalismo, algo aconteceu

na economia psíquica das pessoas, algo mudou de uma maneira muito radical.

“POUCO IMPORTA QUAL É O OBJETO QUE VOCÊ CONSUMIU. O IMPORTANTE É O QUE VOCÊ FOI CAPAZ DE FAZER CONSUMINDO CERTA QUANTIA DE DINHEIRO”

Por exemplo, em um desses textos clássicos de sociologia que são leituras obrigatórias para qualquer pessoa que queira entender, afinal de contas, o que significa viver na sociedade ocidental (“Ética protestante e o espírito do capitalismo”), Weber tem uma ideia simples, porém elegante: a ideia de que, se quisermos entender o que é o capitalismo, nós temos que entender como que se criam as exposições psicológicas que fazem com que os sujeitos entendam como racionais as

DEBATEDORES

ações pedidas pelo sistema econômico da qual eles fazem parte.

Não adianta fazer explicações sistêmicas, explicações funcionais, se você não conseguir analisar do ponto de vista psicológico como que se cria um sujeito que entende que deve agir daquela forma, que deve julgar daquela forma, que deve desejar daquela forma.

Não conseguiremos entender nada sobre o capitalismo se não entendermos, primeiro, como foi necessário a internalização de um tipo de trabalho produzido pela ética protestante, que ensinava que o trabalho não era um instrumento para alcançar alguma coisa.

Não é que eu trabalho para alcançar bens para depois conseguir fruir desses bens. O trabalho é uma vocação. Eu trabalho como quem responde a um chamado com forte carga teológica, que é internalizado e faz com que eu organize, então, todo o meu tempo, todo o meu gozo, todo o meu desejo a partir desse chamado.

Esse chamado faz com que eu desenvolva um tipo de trabalho que o Weber chamava de “trabalho asséptico”, pois eu não trabalho para gozar do serviço dos bens posteriormente. Eu trabalho compulsivamente porque o trabalho é uma maneira de auto-governo, é uma maneira de eu governar a mim mesmo, de eu organizar meu tempo, de eu organizar o meu espaço e de eu dar um sentido para a minha existência.

“EU TRABALHO COMPULSIVAMENTE PORQUE O TRABALHO É UMA MANEIRA DE AUTO- GOVERNO, DE EU DAR UM SENTIDO PARA A MINHA EXISTÊNCIA”

Isso criava um problema interessante: você tinha uma população que trabalhava de maneira compulsiva, mas não gastava. Foi assim que o capitalismo se desenvolveu. A partir desse momento

foi possível algo como a acumulação primitiva. E foi a grande acumulação de capital que permitiu, depois, os grandes investimentos em desenvolvimento tecnológico.

Vejam que interessante: nós temos uma disposição psíquica ligada ao modo de internalizar um princípio de conduta, um modo de organizar o meu desejo, um modo de deferir o meu desejo, que, de uma maneira ou de outra, organiza o sistema social.

O capitalismo não é só um sistema de trocas econômicas. O capitalismo é um modo de desejar, é uma maneira de desejar. Não se deseja da mesma forma dentro e fora do capitalismo. Da mesma maneira, não se trabalha da mesma forma dentro e fora do capitalismo. Estamos falando de uma forma de vida antes de tudo.

O sociólogo conservador Daniel Bell, autor do livro “As contradições culturais do capitalismo”, comenta que quem destruiu a ética protestante foi o cartão de crédito. Antes do cartão

DEBATEDORES

de crédito, você precisava trabalhar para conseguir. Depois, você administra as suas dívidas. Você sai desse sistema da acumulação para um sistema de gestão de dívidas, onde, no final das contas, não é importante se você paga a sua dívida ou não. O importante é como você as gere.

Por volta dos anos 30 e 40, com essa ampliação e massificação da sociedade de consumo, alguma coisa vai se modificar radicalmente, porque para conseguir fazer com que esse processo de produção cada vez mais amplo escoe, não é possível continuar constituindo sujeitos que têm esse tipo de imperativo psíquico de contenção, de acúmulo. É necessária uma mudança. Porque, se a mudança não ocorrer, o que fazemos com a necessidade desse processo cada vez mais contínuo de obsolescência programada da produção?

Aí temos um dado interessante: não foram poucos os psicólogos sociais e sociológicos que insistiram que alguma coisa aconteceu e mudou radicalmente o que

entendemos por capitalismo nos anos 60.

Dos anos 60 para os anos 70, aconteceu algo decisivo, fundamental. E diz muito a respeito do que nós entendemos pela função social e política da felicidade.

“O CAPITALISMO NÃO É SÓ UM SISTEMA DE TROCAS ECONÔMICAS. O CAPITALISMO É UM MODO DE DESEJAR.”

A ideia basicamente é a seguinte: Margaret Thatcher, que, apesar de ter muitos defeitos, tinha na honestidade sua grande virtude, falou em um determinado momento: “a economia é só um método”.

A economia é só um processo. O objetivo é mudar o coração e a mente das pessoas. Nós queremos criar certo tipo de sujeito, que age de uma determinada forma, que

pensa, que valora de uma determinada maneira.

E qual é essa maneira de viver que vai sendo criada a partir desse momento dos anos 60?

Os anos 60 têm uma questão muito interessante. Se pegarmos o livro “O novo espírito do capitalismo”, de Ève Chiapello e Luc Boltanski, veremos que temos estudos, no começo dos anos 70, que mostravam uma coisa absolutamente apavorante: a juventude, naquele momento, não queria, em hipótese alguma, entrar no mundo do trabalho. Eles estavam dispostos, inclusive, a ter a vida muito mais limitada do ponto de vista financeiro para não entrar em um processo de organização do seu tempo e das suas atividades, que viam como profundamente alienante.

Eles tinham essa ideia do que era o universo do trabalho: um universo de empresas típicas dos anos 50, como, por exemplo, a IBM, onde você entra na companhia e fica lá a vida toda, subindo paulatinamente, estabelecendo o seu cargo

DEBATEDORES

e se especializando na sua função. Sua vida fica mais ou menos organizada. A empresa cuida de tudo da sua vida. Inclusive a tua mulher vai ter amigas que são as outras mulheres da mesma empresa. Você vai no final de semana nos mesmos lugares. Ou seja, está tudo mais ou menos organizado.

Porém, os jovens falavam: isso é sufocante. Eu prefiro viver de “bicos” a, de fato, entrar nesse universo do trabalho.

Um estudo do Centro Empresarial Francês, de 1975, dizia justamente que o país passaria por uma crise. Era claro para eles que se nada mudasse naqueles próximos 5 anos, o país passaria por um baque no universo do trabalho devido a um envelhecimento radical.

O que é interessante que vai acontecer? Num dado momento, haverá uma rearticulação do que era a ideologia do mundo do trabalho, onde essas ideias de segurança, de estabilidade, de funcionalidade específica vão sair de cena para entrar justamente os valores que

eram mobilizados contra o universo do trabalho do mundo capitalista: flexibilidade, capacidade de ser multifuncional, ter uma intermitência, risco.

Vejam como a noção de risco vai se modificar. Nos anos 50, risco era exatamente tudo aquilo a respeito do qual uma boa carreira saberia como evitar. Hoje, o sujeito que fala “quero evitar riscos” é visto como um acomodado, um cara que não tem futuro, porque não tem o espírito de aventura necessário para sobreviver na sociedade contemporânea.

**“NOS ANOS 50,
RISCO ERA O
QUE UMA BOA
CARREIRA SABERIA
EVITAR. HOJE,
O SUJEITO QUE
FALA “QUERO
EVITAR RISCOS”
É VISTO COMO
UM ACOMODADO”**

Essa modificação é muito

interessante, porque, a princípio, parece que as imposições normativas tradicionais do nosso mundo desapareceram e deram lugar a essa situação onde as pessoas são flexíveis, as possibilidades são múltiplas, cada um tem o seu modo, cada um tem o seu jeito, onde a gente vai organizando os processos de trabalho por resultado e por desempenho, e não por quanto tempo você fica trabalhando, se você entra às 9h e sai às 18h ou coisas parecidas.

Ou seja, a princípio, parece que alguma coisa nos teria deixado com uma condição muito maior de auto-realização, onde as singularidades poderiam ser muito mais respeitadas do que anteriormente, quando você tinha um padrão meio determinado que todos deveriam mais ou menos se adaptar. Parece que alguma coisa havia mudado. E para melhor, se podemos dizer.

Só que existe um preço a ser pago por isso. Um preço que muitas vezes a gente não colocar muito na balança, porque também vai colocar

DEBATEDORES

uma série de questões difíceis de responder, difíceis de pensar. Mas, o preço bate na porta de uma maneira ou de outra. Ele bate, por exemplo, quando você descobre que uma em cada dez pessoas nesse mundo passou ou está passando por um processo depressivo.

Mas, por que isso está acontecendo?

Nesse processo de flexibilização, já não é mais questão de saber o que exatamente você faz, mas como você organiza as suas atividades, com que velocidade, com que intensidade. Como é o seu desempenho, independente do que você está fazendo?

Saímos de uma esfera onde a estereotipia é “todo mundo faz exatamente isso” para outro tipo de controle, que não é mais o controle dessa disciplina do “cada um deve fazer dessa forma”, mas é o controle do “bem, se você quiser, de fato, ser reconhecido enquanto alguém, você tem que ter certo ritmo, você tem que ter certo desempenho, você tem que ter

certa performance”. É isso que conta.

Na verdade, a grande mudança psíquica do ponto de vista da relação entre indivíduo e sociedade foi que, hoje, internalizamos algo que poderíamos chamar de “ideal empresarial de si”. Todos nós, de alguma maneira, organizamos nossa vida, nosso tempo, nossas relações, nossas expectativas a partir de um certo ideal empresarial de si.

“HOJE, INTERNALIZAMOS ALGO QUE PODERÍAMOS CHAMAR DE *IDEAL EMPRESARIAL DE SI*”

Todos nós usamos isso a todo momento. Podem observar... quando algum namorado nos larga, falamos “nossa, eu que investi tanto. Qual foi o meu retorno?”.

Ou seja, percebem? Isso pode parecer anedótico, mas

é muito mais do que uma anedota. Isso é simplesmente um desses sintomas que vão mostrando como certa racionalidade foi introduzida por nós. Quase como natural, quase como uma coisa que não há muito que questionar. Quer dizer, por que questionar o fato de que eu organizo meu tempo, organizo minhas relações, organizo minha atividade, organizo meus atributos sob a forma de uma espécie de ideal empresarial de si? Qual seria o problema em última instância?

O Brasil é o país do mundo que conseguiu criar uma revista que mata claramente tudo o que eu tentei falar durante décadas: *Você S/A*. Mas, de fato, no que se transformou a individualidade a não ser uma sociedade anônima? Acho que a pessoa que fez nem se deu conta disso: *Você S/A*. Ou seja, de certa maneira, se é uma sociedade anônima, você não tem ninguém aí.

Na verdade, você não tem nenhum tipo de determinação individualizada clara. É uma forma, nada mais do que isso, que pode ser usada em

DEBATEDORES

qualquer circunstância. Eu diria que nós naturalmente compreendemos que uma vida bem realizada é aquela que, mesmo encontrando seus caminhos singulares, sempre vai obedecer um certo padrão de racionalidade, um padrão de desempenho, um padrão de performance e um padrão de troca.

Kierkegaard, um filósofo dinamarquês, tinha uma frase muito boa e ele percebeu isso no momento que o capitalismo já se desenvolvia no final do século XIX de maneira cada vez mais hegemônica: “o verdadeiro amor é o amor pelas pessoas mortas”. Por que? Porque as pessoas mortas não dão nada em troca. Porque não é uma coisa estabelecida, um tipo de troca. Não é falando: “quanto eu ganho? Quanto eu levo? Faz sentido entrar de uma maneira absoluta nessa relação, ou não?”. Nesse caso, não tem nenhum tipo de racionalidade econômica organizando o processo. E por isso é o único amor verdadeiro que nós conhecemos. Os outros dependem muito do que você pode conseguir, do que você é capaz de alcançar.

E o que isso tem a ver com essa discussão sobre as depressões?

“UMA VIDA BEM REALIZADA É AQUELA QUE, MESMO ENCONTRANDO SEUS CAMINHOS SINGULARES, SEMPRE VAI OBEDECER UM CERTO PADRÃO DE DESEMPENHO”

Existe um sociólogo francês, chamado Alain Ehrenberg, que desenvolveu uma ideia muito interessante. Ele fez um livro sobre o fato sociológico das depressões, cujo título era “O cansaço de ser si mesmo”. Ele falava, em última instância, que há uma mudança muito grande na análise dos modelos de sofrimentos psíquicos a partir desses nossos últimos trinta anos. E não é à toa que no interior do quadro psiquiátrico, por exemplo, as

neuroses desapareceram.

E por que elas desapareceram? Porque as neuroses estavam baseadas em uma ideia: a ideia, dentre outras coisas, do permitido e do proibido. Eu tenho uma lei, a lei define o que pode e o que não pode ser feito. Assim, essa relação conflituosa com a lei (a lei que, ao mesmo tempo, instaura a minha subjetividade e me limita e me reprime) constituirá um tipo de conflito psíquico que culminará na estrutura das neuroses.

Ou seja, a gente tem uma lei que define o proibido e o permitido. O proibido entra de uma certa maneira como um impulso inconsciente que continua enunciado no campo das fantasias. E enunciar as fantasias já é uma coisa que, de certa maneira, reordenava a estrutura da censura das limitações da consciência.

Só que agora não é exatamente isso que funciona. Não é mais o par permitido-proibido. É o par possível-impossível. É o par potência-impotência. Até onde você consegue ir? Até onde você é capaz de chegar?

DEBATEDORES

E quando você organiza o imperativo social dessa maneira (“agora é com você, até onde você é capaz de chegar”), a única forma de você se contrapor é dizendo “não quero chegar a lugar nenhum. Eu não quero nada, absolutamente nada”. Portanto, é como se eu falasse: “estou cansado, estou cansado de ser eu mesmo”.

Esse dado é muito impressionante, porque de uma certa forma essas modificações sociais produziram modificações nas nossas maneiras de sofrer. Eu diria que essas maneiras de sofrer talvez tenham um conteúdo de verdade. Elas demonstram o quão disciplinar e controladora é a nossa ideia de felicidade.

Por mais que ela pareça ser flexível, ela impõe o que é pior, que não é o conteúdo com o qual você precisa se identificar, mas é a forma que você deve viver, é a racionalidade que você deve impor para analisar a sua vida, é a intensidade de como as coisas devem aparecer para você, é a maneira como você deve entender o que significa

uma performance. É isso o que será levado em conta no final de tudo.

“AS MANEIRAS DE SOFRER DEMONSTRAM O QUÃO DISCIPLINAR E CONTROLADORA É A NOSSA IDEIA DE FELICIDADE”

Esse é o verdadeiro modelo de controle. E contra esse modelo de controle, nossa sociedade só encontrou uma forma de agir: uma patologia, um dizer de “estou cansado disso, mas não tenho para onde correr. Não tenho como arrumar uma alternativa”.

Quer dizer, colocar em xeque a racionalidade econômica é quase como pedir uma morte social: uma situação onde você não tem mais garantias nenhuma. Você acaba não tendo para onde correr a não ser implodir. E o eu implode como uma forma de rebeldia. Foi onde a rebeldia ficou no final das contas: em uma espécie de implosão impotente

de cada um dos indivíduos. Eu diria que isso é uma das principais consequências da nossa ideia de felicidade.

